

## Romantismo e tragicidade em Paquetá

WELLINGTON LIMA AMORIM\*

A minha busca neste ensaio é analisar o projeto moderno, enquanto decadência, que tem como a principal característica a aceleração, a velocidade, a linearidade, em detrimento a leveza e as condições de existência de uma vida genuinamente filosófica: *“De fato, a velocidade, sob suas diversas modulações, foi á marca do drama moderno. O desenvolvimento científico, tecnológico ou econômico é sua consequência mais visível”* (MAFFESOLI, 2003, p.8). No entanto, para Maffesoli, o tempo está se tornando menos veloz, apresentando-se lento, presenteísta, policromático, em contraposição a um tempo linear:

É isto que importa assinalar aqui: assinalar a passagem de um tempo monocromático, linear, seguro, o do projeto, a um tempo policromático, trágico por essência, presenteísta e que escapa ao computo burguês [...] no limiar deste novo milênio, está dando lugar à outra concepção de tempo, a da duração, que é por essência, plural e policrômica. (MAFFESOLI, 2003, p.9-10).

Esse é o tempo intensivo, que rompe os paradigmas cronológicos funcionais que aprisionam a consciência humana ao ritmo unívoco do fluxo das eras. Este é o Rio de Janeiro contemporâneo, massificado, sendo destruído pela força do desenvolvimento moderno. No entanto ao atravessar a baía de Guanabara até Paquetá, em uma viagem bucólica, é experimentar o conceito de tempo como duração. Um verdadeiro retiro filosófico segundo José Bonifácio, um mar de tranquilidade e de exílio para pastorear o

Ser, parafraseando Heidegger. Existe um impulso de vida que cria e que se desenrola num tempo linear, culminando no aparecimento do ser humano constituído de consciência, memória e liberdade.

Mas a realidade dura, ou seja, existe um movimento dinâmico de ininterrupta criação. Essa duração percebe-se, intuitivamente, em primeiro lugar, em nós mesmos como um eu. Por isso, ela é essencialmente consciência, memória e liberdade, testemunhada por esse eu. Em oposição ao corpo que está confinado ao momento presente no tempo e limitado ao lugar que ocupa no espaço. Este se conduz como autômato e reage mecanicamente às exigências exteriores.

No entanto, existe algo que ultrapassa o corpo por todos os lados e que cria atos ao se criar continuamente a si mesmo. Assim, é em Paquetá, que se experimenta o tempo como duração, que é consciência, memória, e liberdade. A metafísica é uma experiência interior que dá conta do absoluto, mas é preciso distinguir dois modos de conhecimento: o conhecimento intelectual ou analítico, que tem como característica a necessidade e o tempo enquanto linearidade, e o conhecimento intuitivo, o tempo que dura, que é a expressão máxima da contingência. São duas temporalidades que convivem lado a lado, seja o Rio 40 graus ou o romantismo da Moreninha em Paquetá. O Rio 40 graus remete-nos às necessidades da vida humana em seu ambiente natural e social. Ele se presta à utilidade das coisas. O método para este tipo de conhecimento é

a classificação e a manipulação. É um conhecimento que busca a realidade concreta e que se ocupa da exterioridade prática, estática e linear. Não consegue estabelecer-se no movimento ou no dinamismo da vida, uma vez que tudo se transforma em devir, vira a ser. A linearidade só consegue conceber o movimento na imobilidade seccionando em partes para catalogá-lo como momentos justapostos, e tomando, assim, a realidade como sendo estática.

Mas é em Paquetá que o movimento ou a dinamicidade foge do entendimento no pensamento linear. Este movimento contínuo e dinâmico que a linearidade não capta é um movimento vivido somente pela consciência. Já o tempo como duração é interior, é contemplativo, é um retiro filosófico, mas ao mesmo tempo é criador. Neste sentido ele se realiza na duração que é movimento. Não se detém ao útil da vida prática que é concebido na fragmentação espacial e temporal. O tempo que dura não classifica as coisas para satisfazer as necessidades do cotidiano. Não as divide nem as mede como o conhecimento analítico. Resumindo, o tempo que dura apreende a realidade como sendo um movimento criativo dinâmico. Não se fixa no simples fenômeno estático físico do mundo exterior, mas percebe o movimento que age no interior das coisas. Em Paquetá se ultrapassa a condição humana no saber manipular do grande centro do Rio de Janeiro, ou melhor, a experiência do mundo material para sua comodidade e conveniência. A experiência do tempo neste retiro filosófico é capaz de tocar a coisa em si, o absoluto, sem abandonar o fio condutor da experiência. É experienciar e deixar a realidade ser como ela se apresenta. É ceder-lhe a palavra. Que fale ao filósofo o que ela é, sem apoio de conceitos. O discurso filosófico deve adaptar-se a essa realidade de Paquetá. A própria realidade deve refletir

no discurso do filósofo. Não é estabelecer princípios e daí proceder à dedução do real ou intervindo nas coisas. E buscar essa experiência na sua fonte mesma, se introduzindo no objeto e coincidindo com ele o que tem de único e inexprimível, convidando-nos ao esforço para superar a condição humana que se molda às exigências da linearidade.

A experiência humana se atém ao fato que corresponde ao útil. Não é a realidade tal como apareceria a uma intuição imediata, mas uma adaptação do real aos interesses da vida prática e às necessidades da vida social. Com isso, podemos dizer que a humanidade se define pela conquista do mundo material através de uma concepção de tempo linear. O tempo que dura é o conhecimento da realidade em si. Essa realidade é o movimento que se encerra no mundo material. O mundo material não se caracteriza pela imobilidade, mas encerra-se nele o movimento criativo donde advém o novo irrepetível. Portanto, conhecimento intuitivo seria coincidir com esse movimento, que é o próprio ato gerador da realidade, o princípio de tudo. Nosso conhecimento já não seria relativo, mas absoluto.

Embora não se capte toda realidade, ao menos se apreende uma parte dela, sem alterações, porque estamos inseridos na sua realidade e não fora dela. A intuição abre um domínio independente da ciência: a intuição é conhecimento absoluto, conhecimento do espírito, que experiêcia o movimento e não a realidade estática. Neste domínio ela terá de cumprir o mesmo esforço de precisão, o mesmo trabalho de paciência do conceito. Verifica-se que a intuição é um conhecimento contingencial que tem o seu acento experiencial a partir da interioridade. Pela intuição entra-se no objeto como se entra no nosso eu, vivencia-se sua vida como se vive a

nossa. Não se conhece um objeto plenamente ou absolutamente vendo-o de fora, colocando-se sob vários ângulos de observação. Isso é conhecê-lo relativamente, manter relações à distância com o objeto. É necessário que se insira nele e se tenha a visão de que o objeto expressa a si próprio. Assim, esse objeto nos fala de sua realidade e não aquela que se quer que ele tenha. Essa capacidade intuitiva de se transportar ao interior de um objeto e coincidir com sua realidade é privilégio dos que fazem o esforço de ultrapassar a condição humana, é tornar o instinto primitivo consciente de si mesmo, capaz de refletir, enfim transformá-lo em intuição.

Essa experiência intuitiva é, na verdade, nossa inserção na dinamicidade. Tal conhecimento pertence à intuição, voltado para dentro, refletindo o significado de uma realidade contingente que dura não como algo substancial, mas como puro movimento criativo. Ao assinalar que a intuição é um conhecimento do espírito, ou uma experiência interior da consciência, não se diminui a compreensão do tempo enquanto linearidade. Somente se constata que ao lado dele a existência de outra concepção temporal, capaz de outro tipo de conhecimento que capta a realidade em si, o absoluto. Sendo assim, a rigor, a intuição nada mais é que a percepção de um eu profundo traduzido em duração, na qual a multiplicidade e a experiência da contingência significam concentração, fusão, conversão e organização em contraposição ao eu superficial no qual a multiplicidade significa dispersão, exterioridade, necessitarismo e que supõe o tempo e espaço divisíveis, deixando escapar a riqueza da vida que é duração do espírito ou consciência do movimento da vida. O eu superficial tem sua experiência no mundo espacial, no mundo físico e não entende a melodia fluida da vida interior, a realidade que dura. É

nesse sentido que a intuição, revela a existência de um conhecimento absoluto, em um tempo que se apresenta enquanto duração. Pela intuição assim definida, chega-se ao conceito de duração, que é o tempo como experiência interior de duração, isto é, uma experiência viva, contingente, que dura. Toda potência é cognoscível porque é experienciável intuitivamente. Trata-se do impulso da vida que se experimenta em nós como duração.

O evolucionismo não tomava em consideração, como experiência concreta, o tempo como duração, mas como tempo espacializado, linear, de instantes distintos e justapostos um ao outro, isto é, o tempo era dividido em partes. O tempo da mecânica seria um tempo reversível onde se podem repetir os experimentos, isto é, uma transformação não seria uma novidade irrepitível do ato criador. Duração é o *eu* que é essencialmente consciência, memória e liberdade. Na consciência, o tempo é duração vivida, não é fracionado em momentos. Passado, presente e futuro formam um uníssono. Um necessita do outro para ser *duração*. Nesse sentido a duração é vida interior, em que um momento se funde no outro, cresce sobre o outro e com ele se envolve. Assim, duração não é um momento estático; é movimento, mudança, contingência. Mudar quer dizer devir, significando que nunca nada é idêntico a si mesmo e que tudo se transforma constantemente em algo distinto de si. A realidade é constante mudança, movimento, dinamicidade; tempo são as coisas que duram. As coisas não estão no tempo, mas são o próprio tempo. Na concepção de tempo do positivismo mecanicista, as coisas existem, isto é, ocupam um pedaço de espaço e está aí num determinado tempo. Para o mecanicismo, tempo e espaço se equivalem. Mas as coisas ocupam espaços, elas, no entanto, não estão no

tempo, porque elas são o próprio tempo, porque elas duram, como se o tempo fosse uma massa das quais as coisas fossem feitas. A ilusão nossa é que imaginamos que a coisa é logo afetada pelo tempo que a desenvolve e a destrói. Na modernidade existe uma tensão constante e que permanece, entre o Ser e o Tempo. Todavia, temos sociedades que acentuam o passado, como o caso de Paquetá. Outras, como o projeto moderno, que valorizam o futuro, como a moderna orla do Rio de Janeiro. Mas existem ainda aquelas que acentuam o presente, como por exemplo: a decadência romana e o renascimento. Maffesoli, procura demonstrar que existem duas compreensões na relação do homem com o tempo, uma ocidental que concebe o tempo linear, e outra oriental que concebe o tempo como duração:

Eis um pequeno apólogo que define bem a tensão que terá, em geral, o ocidente e o futuro. A exterioridade é o fundamento da ação. Tudo é ordem da ex-tensão. A realização, individual ou social, é uma conquista. Inscreve-se em um projeto mensurável, rápido, previsível racionalmente. Recordemos, em contrapartida, que, para o zen, é se concentrando sobre si mesmo que está a certeza de alcançar seu alvo. Aqui não é a ex-tensão o que importa, mas bem mais a “intensão”. Algo que está na ordem da morosidade, da meditação, quase da suspensão do movimento. O resultado se dá, então, por acréscimo. A intenção, nesse caso, tem pouca importância para ser que se aprofunda em um presente eterno. Imanenteísmo que se opõe ao transcendentalismo. (MAFFESOLI, 2003, p.18).

Desta forma, em toda a modernidade houve uma ocidentalização do mundo, concebido a partir da linearidade do tempo. Segundo Maffesoli, na contemporaneidade é possível que ocorra

o movimento contrário, ou melhor, uma orientalização do mundo, restaurando a idéia de destino, e do tempo que dura, uma presentificação, residindo, mesmo que inconscientemente, um sentimento trágico que dissolve os paradigmas normativos da consciência moderna, culminação do projeto teleológico platônico/aristotélico/cristão.

Isto se dá, devido ao elemento fundador da modernidade que foi o protestantismo, que com a doutrina da predestinação, submete toda a compreensão da vida ao conceito de necessidade. Assim como está presente, em doses mais ou menos elevadas, no judaísmo, no islamismo e, é claro, na gnose de todos os tempos, reencontramos o mito do destino na raiz da reforma. Efetivamente, não é simples paradoxo associá-lo ao tema da predestinação.

A comparação é ousada, mas a análise é pertinente. E é importante notar que o protestantismo, que foi o elemento fundador da modernidade, é perpassado, ainda que inconscientemente, pela necessidade que, ao menos, relativiza a ação do homem, e torna nossas obras o mais precárias possível. (MAFFESOLI, 2003, p.22). Sendo assim, Maffesoli nos adverte que, para compreender uma determinada sociedade é necessário entender qual a concepção de tempo que uma sociedade possui, se ela está assentada sobre um tempo linear (passado e futuro), como, por exemplo, a modernização sistemática que vem ocorrendo no Rio de Janeiro ou um tempo que dura na resistência a linearidade, através do presenteísmo e romantismo de Paquetá.

Para Maffesoli, a orientalização do Ocidente ocorre quando (re) nasce o sentimento trágico na modernidade; isto se dá através do desencantamento do mundo e quando descobrimos que o projeto teleológico do progresso científico

e técnico é um mito, concebida através do processo linear da história. Vigora assim o tempo tal como proposto por Heráclito, Tempo *Aion*, Tempo criativo desprovido de qualquer imputação moral, avassalando todas as coisas existentes como areia do mar na praia romântica de Paquetá. Esse é o tempo trágico, no qual a linearidade dos eventos deixa de existir, e passado, presente e futuro se tornam o instante eterno da criatividade, estabelecendo novamente o encantamento do mundo dissolvido pela razão técnica. Falando de uma pequena cidade alemã, invadida pelo tédio, dominada pelo costume e cercada por obrigações de toda ordem, Nietzsche disse em poucas palavras: “*Aqui poderíamos viver, posto que aqui vivemos*”. (NIETZSCHE, 2003, p.51) Posso dizer o mesmo de Paquetá. E preciso experienciar e viver na ilha para entender esta frase enigmática de Nietzsche, que talvez José Bonifácio compreendeu plenamente.

A expressão admirável, que ressalta tudo o que o destino pode doar à existência, todo o dinamismo do amor fati: somos livres dentro de uma necessidade repleta de amor. A vida talvez não valha nada, mas, já sabemos nada vale a vida. O trágico nos obriga a pensar este paradoxo. Paradoxo intransponível, para além das ideologias tranquilizadoras sobre a perfectibilidade do homem e da sociedade, para além das múltiplas ilusões de todo gênero que formaram o progressismo ocidental, que apela a uma lucidez fortificante, incitando a viver a sua morte de todos os dias, o que, depois de tudo, é uma boa maneira de viver a vida que nos tocou. Integrar homeopaticamente a morte é o melhor meio de se proteger ou, ao menos, de se tirar proveito (MAFFESOLI, 2003, p.22). Em Paquetá, o tempo parece parar, permitindo o aproveitamento extremo do que se apresenta. Imobilidade e intensidade, estabilidade e movimento

que se entrelaçam, apresentando-se paradoxal.

Este hedonismo não é individualista, mas funda uma ética social, um ser-conjunto, que respeita a necessidade e a contingência, o sujeito e sua inscrição na comunidade, surgindo uma representação cíclica do tempo que tem com base o jogo das estações naturais, características estas, que são semelhantes ao Renascimento, onde os humanistas criticavam a instituição de qualquer ordem, lei ou moral estabelecida. Portanto, renasce a magia, a imoralidade, a astrologia, o sincretismo, o culto ao corpo, o nomadismo, instaura-se a *new age* como re-encantamento do mundo. Esta intemporalidade é expressa pelo gosto intenso do tempo presente. Renasce um ritmo cíclico, que sintetiza através de uma sinergia, o tempo e o espaço, a estabilidade e o movimento, o real e o irreal. A consequência deste processo nos coloca diante de uma sensação de nostalgia de um paraíso mítico que, segundo Maffesoli, é presente em vários tradições e relatos espalhados pelo mundo, seja no pensamento judaico-cristão, mulçumano, ou em nosso inconsciente coletivo, adotando uma expressão de Carl Jung.

O terreno para o nascimento destas utopias se encontra, segundo Maffesoli, no barroco, expressa na arquitetura brasileira, ou em Paquetá, que nesses 450 anos de aniversário do Rio de Janeiro nos lembra que o trágico, o romântico e o barroco representam a síntese do sentimento de desamparo, da tristeza, de ironia, de humor, do sentimento elegíaco e da capacidade de resistência da sociedade, que remete ao intemporal, que permite viver neste mundo, sempre em busca de um outro lugar, na verdade um não-lugar, algo paradoxal, uma utopia, nas palavras de Maffesoli, um país do

tempo imóvel, forjado a ferro e fogo na alma carioca.

Temos como exemplo, o mito fundador da alma lusitana, o sebastianismo, um príncipe sempre presente e ausente, e a esperança de seu retorno, na fundação do quinto império. Sabe-se, igualmente, do papel desempenhado na epopéia nacional pelo sebastianismo: nome de um príncipe desaparecido, Sebastião, cuja volta sempre se espera, incitou as muitas aventuras e expedições nos países longínquos. A famosa saudade própria do país e de seus habitantes, acha, talvez, sua origem nesse amor do longínquo. (MAFFESOLI, 2003, p. 51-52). Este não-lugar será levado aos quatro cantos do mundo, que para Maffesoli o *fado*, bem como as canções da bossa nova, melancólicas, bucólicas, mostram a necessidade de peregrinar, ou melhor, de navegar, ao estilo de vida dos movimentos que juventude alemã denominava *Wandervogel*, confirmando a total imobilidade do tempo, tendo como referencia o tempo que dura, que desacelera, ou melhor, uma temporalidade instantânea, um retorno à vida, de uma suspensão do tempo linear, de um sentimento trágico. O trágico renasce a partir da aceitação afirmativa do destino, onde o ser é acontecimento, que provoca um furor de viver.

Ao compreender a inevitabilidade da finitude e da morte, a consciência humana adentra na tragicidade da existência sem necessariamente deprimir-se com essa situação inexorável. Na modernidade a história se desenvolve, narra, dramatiza, postulando uma síntese dialética. Diferentemente, no trágico tudo estar por construir. Tudo isso reflete as ações inconsequentes dos jovens, a pluralidade das famílias, a errância sexual, os amores efêmeros e sucessivos, o neopaganismo, a busca desenfreada pelo prazer, a aceitação anárquica das leis na economia, a

vivência lúdica nas ruas, o êxtase místico por se viver na cidade do Rio de Janeiro, a unidade cósmica com as multidões etc. Todos esses exemplos só podem ser compreendidos tendo como referência o mundo antigo. São movimentos que se opõem a qualquer forma de propaganda que nos lembre dos campos de concentração nazista que afirmava: o trabalho liberta. O carioca não gosta de sinal fechado! Todos estes aspectos estão presentes nas tragédias. É o destino que se impõe impiedoso, que ignora o sujeito obedecendo ao que está escrito, estando tudo predestinado, negando o princípio fundante da civilização ocidental ou assim dizer do projeto moderno, o livre arbítrio, a decisão do indivíduo. Sendo assim, busca-se o equilíbrio, sendo a tragédia o modelo que informa, que serve de matriz, possibilitando novas formas de vida sejam elas individuais ou sociais. O esforço deste ensaio é compreender o espírito do tempo carioca, *zeitgeist*, de nossa carioquice, um esforço conjunto de um pensador em São do Luís do Maranhão, com outros pensadores espalhados pelo Rio de Janeiro que se colocam a disposição do dialogo contínuo e profícuo que nosso Ser carioca não pode ser esquecido. Este precisa se lembrar constantemente que o que nos move no mundo são sonhos e mitos e que quase sempre nos serve de referência. Lembrar que ao lado do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ está o Gabinete Real de Leitura, uma das bibliotecas mais lindas que já conheci. E por isso, sempre que posso estou pensando, dizendo e por vezes escrevendo sobre a dialética da malandragem. Tenho que admitir sinto saudades. As ruas do RJ antigo, cada cantinho, cada caquinho de lajota possui uma história, e talvez poucos lugares no Brasil possuam tanta coisa para se contar e ver. Andando pelas ruas do Rio de Janeiro é ter o prazer de assistir ao vivo e a cores uma bela aula de História do

Brasil. Muitos turistas, tem a impressão que o Rio de Janeiro é apenas o bondinho e o corcovado, que é um erro. Mas existem muitos lugares que precisam ser mencionados.

Se você se lançar em uma aventura atravessando as barcas e descer na Praça XV, é um bom começo. Na travessia pode-se ver a Ilha Fiscal, onde ocorreu o último baile do Império. Ao descer deve-se observar de perto o Paço Imperial e o seu Café majestoso. O Centro Cultural do Banco do Brasil é parada obrigatória, para lancha, tomar um café expresso e principalmente ver a cultura acontecendo. Do outro lado a Candelária. Palco de beleza e tragédia. Dando meia volta, encontramos a Casa França Brasil. Seguindo a 1º de Março, pode ser visto as Igrejas Históricas, lindas, suplicando para serem violadas, desveladas em sua beleza e elegância. Ao lado do Paço Imperial, o palácio Tiradentes, lugar de martírio do inconfidente. Não podemos esquecer que é na Praça XV que é o lugar por excelência do Almirante Negro e sua revolta contra a chibata sendo uma das últimas grandes revoltas de escravos no Brasil, aquele que Aldir Blanc chamou de navegante negro, o Antônio Cândido.

Seguindo pela Rua da Assembleia até chegarmos no Largo da Carioca é como estarmos em uma imensa praça medieval. Malabaristas, imigrantes, camelôs, brincam, negociam, divertem as pessoas que passam. Acima de todos está o convento Santo Antônio, que se ergue diante de nossos olhos, nos lembrando de que somos apenas homens, grãos perdidos na areia. Continuando nossa aventura, seguimos até a Cinelândia. É diante de

nossos olhos que surge a Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal. Mas existe ainda outro reduto que precisa ser visitado: Santa Tereza. Conhecer o Parque das Ruínas e o Museu da Chácara do Céu e descer a pé o morro de Santa Tereza até a Lapa. Por fim, em uma sexta-feira à noite curtir a boemia da Lapa, ao estilo de Sartre e Simone Beavouir, lugar de carisma e malandragem, que tem como símbolo Madame Satã. Em todo esse trajeto encontramos a alma carioca presente entre os transeuntes que não pode ser esquecida. Desde o taxista, ao vendedor e os botecos da Lapa. Ser carioca é ser peregrino, é transitar por estes lugares, com o espírito flexível e leve como uma pena. É ser um poeta-filósofo e fazer da vida uma obra de arte. É necessário viver essa experiência, ser um flâneur. Mas o mais importante, que não pode ser esquecido é que ninguém nasce carioca, nos tornamos um, e como uma amiga afirmou: “Cariocas não gostam de sinal fechado”. Se entendermos por fechado tudo que é rígido, tudo o que impede a passagem, então a frase é perfeita. Abram alas para os cariocas do nosso imaginário e para os cariocas que ultrapassam nossa imaginação.

#### Referências

MAFFESOLI, Michel. **O Instante Eterno: o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas**. Porto Alegre: Zouk, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida**. Trad. de Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.



\* WELLINGTON LIMA AMORIM é Doutor pelo Programa Interdisciplinar em

Ciências Humanas pela Universidade Federal de Catarina; Professor Adjunto II DE da Universidade Federal do Maranhão